

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa SEMANAL

|                  |               |                     |  |
|------------------|---------------|---------------------|--|
| EXPRESSO         |               | AVANTE              |  |
| SEMPRE FIXE      |               | PORTUGAL SOCIALISTA |  |
| TEMPO            | 13. SET. 1979 | POVO LIVRE          |  |
| O JORNAL         |               | ALAVANCA            |  |
| NOVA TERRA       |               | UNIDADE             |  |
| VOZ PORTUGALENSE |               | LUTA POPULAR        |  |
|                  |               | PODER POPULAR       |  |
|                  |               |                     |  |
|                  |               |                     |  |
|                  |               |                     |  |

## a MULHER no Tempo presente por DINAH ALHANDRA

# Socialismo de miséria ou... a miséria do socialismo

Depois de muitas e variadas entrevistas a órgãos de comunicação estrangeiros, a senhora Primeira-Ministra *acedeu* a deixar-se entrevistar pela RTP1. Mas, evidentemente, a senhora Primeira-Ministra é demasiadamente «importante» para se deslocar ao Lumiar; a televisão é que foi a S. Bento, como convinha, para uma entrevista cujo «dêcor» e condução foram estranhamente reminiscências duma outra, feita há algum tempo, em Belém, à Primeira-Dama portuguesa.

Tudo muito certinho, com um ar de ter sido bem ensaiado, perguntas com toda a aparência de «encomendadas»: a solicitar as respostas que convinhem, tudo escrito em papelinhos para não haver enganos. O pior é que tanto entrevistador, que não conseguiu disfarçar suficientemente a «encomenda», apresentando-se com um ar desconfortavelmente encabulado, como a entrevistada que, perdendo a espontaneidade que lhe conhecíamos, acabou por se limitar a proferir umas quantas inanidades, deitaram tudo a perder.

Parafraseando o dr. Aldónio Gomes, eu diria que não só a falar é que a gente se entende mas também, quando certas pessoas falam (demais), é que a gente as entende, embora não exactamente como lhes agradaria.

Anotemos, para começar, que o Governo que na sua posse, a senhora Primeira-Ministra autolimitou a 100 dias, para depois, no termo da discussão do programa do Governo, ainda segundo a Primeira-Ministra, beneficiar dum descontozito, passando a contagem dos 100 dias a fazer-se a partir da aprovação do programa, será, sempre nas palavras da Primeira-Ministra, um pouco mais longo...

Achei deliciosa a ingenuidade da Eng. Maria de Lourdes Pintasilgo ao manifestar a sua surpresa — que me pareceu genuína — pelo facto dos ecos da sua conferência de Imprensa não se terem prolongado para além de 24 horas! Pensava então, ao dar uma conferência de Imprensa, que dela se falaria durante um mês? Não virá a propósito recomendar-lhe uma leitura atenta do Eclesiastes (Vaidade, vaidade, tudo é vaidade...), sobretudo antes da sua próxima ida às Nações Unidas? Já que

insiste em não perder essa oportunidade única de lá ir botar discurso (o que se me afigura algo exorbitante, visto ser apenas Chefe dum mero Governo de gestão), ao menos, por favor, lembre-se do Eclesiastes!

O que me deixou verdadeiramente perplexa foi a afirmação da senhora Primeira-Ministra do seu desejo de ir ao encontro (a) da população a fim (de, in loco) contactar com «os representantes legítimos do povo»! Quais são, no entender da Primeira-Ministra, os representantes legítimos do povo? Segundo o artigo 150.º da Constituição da República Portuguesa são os deputados mas, pelos vistos, a senhora Primeira-Ministra também não concorda com a Constituição de 1976! Que surpresa!

Os portugueses têm bom coração e muitos se terão certamente apiedado da Eng. Maria de Lourdes Pintasilgo quando esta confessou ter passado noites sem dormir para solucionar os problemas dos doentes, durante a greve dos médicos. Mas, se bem me lembro, o que originou aquela greve foi a não promulgação do Estatuto do Médico e isto ficou a dever-se ao seu próprio Governo que solicitou do senhor Presidente da República que lhe reenviasse, para estudo e eventuais alterações, o dito Estatuto! Afinal, o verdadeiro culpado das dificuldades dos doentes, foi, efectivamente o Governo!

Felizmente, o povo tem um apurado sentido de justiça e a prova de que, neste caso, não se deixou iludir quanto ao lado onde estava a razão é que, contrariamente ao que seria de esperar, não se insurgiu contra esta greve, como o havia feito em 1975 quando da greve dos enfermeiros.

Revi-lou-nos a senhora Primeira-Ministra ter descoberto que alguns empréstimos que nos haviam sido concedidos por países estrangeiros ainda não foram utilizados. Essa situação nem sequer é nova e eu própria já aqui falei do assunto mais do que uma vez. De resto, já em Março de 1976, era então o seu actual ministro das Finanças, secretário de Estado das ditas no VI Governo Provisório, um alto funcionário do Departamento de Estado norte-americano se me queixou, numa longa conversa que tivemos em Washington, dos problemas que a nossa não utilização dos empréstimos já concedi-

dos lhes estava a criar com o Congresso dos Estados Unidos!

A propósito de Sousa Franco, também conhecido como o «Imparcial» que me dizem da sua espantosa declaração de que a nossa situação financeira se encontra praticamente normalizada? Ora, em 21.3.79, o mesmo António Sousa Franco referia-se, em artigo publicado no «Correio da Manhã», ao «estado calamitoso das nossas finanças públicas»! Põem-se, portanto, três alternativas: ou mente agora, ou mentiu em Março deste ano, ou o Governo Mota Pinto operou verdadeiros milagres e, então, não se percebe porque é que este Governo se queixa da «herança maldita» legada pelo seu antecessor!

De resto não era este o homem que bradava publicamente contra os políticos portugueses, declarando abandonar a actividade política por se sentir enojado e, escassos dias depois, aceitava alegremente um cargo de ministro? Diga-se, em abono da verdade que não é ele o único a revelar uma tão elevada «coerência». Também, o dr. Salgado Zenha lhe teceu os mais rasgados encómios, cantando os seus louvores numa forma que atingiu as raias do lirismo ao passo que, no tempo em que era ministro das Finanças do VI Governo Provisório tudo fez para adiar a sua tomada de posse como secretário de Estado das Finanças, chegando ao ponto de arranjar primeiro um subsecretário com quem despachava os assuntos em vez de o fazer normalmente com Sousa Franco? Mudam-se as vontades...

Correm já nos *mentideros* lisboetas rumores de desentendimentos entre Sousa Franco e Joaquim Lourenço, também ASDI e responsável pelo MAP. Diz-se que, na base do desaguisado, estará o caso das expropriações pois que, numa clara cedência aos comunistas, Joaquim Lourenço não desejaria entregar mais reservas enquanto não prosseguir com as expropriações. Ora como, hoje em dia, felizmente, já não se podem fazer expropriações sem indemnizar os proprietários expropriados, seria necessário que Sousa Franco abrisse os cordões à bolsa e este assevera não dispor dos fundos necessários.

Voltemos, porém, à entrevista da Primeira-Ministra à RTP1. Esperava-se que o tema principal fosse o dos recentes aumentos dos preços mas, eis que a Primeira-Ministra falou muito sobre o assunto mas disse pouco (o que se aplica a quase toda a entrevista). Compungidamente, explicou-nos a sua inevitabilidade (dos aumentos, claro), por variadíssimas razões que aduziu. Omitiu, porém, aquela que, na opinião de muito boa gente é a verdadeira: a baixa produtividade e a gestão ruinosa e inconsciente de muitas empresas do sector público, os prejuízos acumulados, etc., etc. E quem paga a factura? O Zé Povinho, como de costume! Mais uma vez, não atacam os males de raiz — arranjam-se paliativos.

A RTP, atenta, veneradora, obrigada a obediente perante o Poder, logo se apressou, quando foram conhecidos os aumentos dos preços dos combustíveis, a dar-nos a conhecer os preços da gasolina noutros países, demonstrando-nos que, apesar da nossa voltar a ser a mais cara, a diferença era mínima.

Tomemos apenas, como exemplo, o que se passa em dois países bastante próximos, ambos a lutar com crises económicas graves: em Espanha, um litro de gasolina super custa 41 pesetas (aprox. 30\$60) e em França, embora os preços sofram ligeira variação conforme as regiões, 3,1 francos (aprox. 36\$30). O que a nossa televisão não disse — e deveria ter dito — é que o salário mínimo em Espanha é de cerca de 13 500 escudos e na França de 25 400 escudos! Se pensarmos que, em Portugal, o salário mínimo é de 5 700 escudos (considerando até os 7000 escudos prometidos), veremos que não há comparação possível!

A vida dos portugueses degrada-se dia a dia, os sacrifícios que lhes são exigidos são cada vez maiores, mas ninguém pede responsabilidades aos causadores de todo este descalabro.

Se isto é a via para o socialismo, imaginem o que nos espera quando o atingirmos!

Basta de irresponsabilidades. Basta de utopia. Basta de terceiro-mundismo. E, sobretudo, basta de miséria!